

Aqui no Sul também estamos em meio à polêmica! Acho que a posição da SBM está muito adequada. Minha opinião é muito clara: Se uma determinada entidade de saúde pública resolver lançar uma campanha de rastreamento do câncer de mama rastreamento dito organizado, ela estabelece o método e escolhe a população-alvo afim de obter o máximo rendimento na relação custo x benefício. Então, concordo que se defina a mamografia após os 50 anos com intervalos determinados por essa mesma autoridade. Mas no cenário do rastreamento oportunístico, no dia a dia do consultório, frente a uma mulher de 40 anos de idade (ou memos), ansiosa com o bombardeio diário de notícias sobre câncer de mama, seria omissão não oferecer-lhe a melhor resposta que dispomos em termos de exame de imagem, ou seja, a mamografia. É justamente nesse cenário que a SBM atua, orientando seus membros e médicos em geral na prática clínica. Nos rastreamentos organizados, a SBM pode sugerir e colaborar, mas não tem condições de interferir (nem deve) na equação custo x benefício que norteia as ações de saúde pública (nisso não vai nenhuma crítica às autoridades, que lidam com orçamentos apertados). Sabemos que algumas lesões encontradas jamais se tornarão um câncer clínico, mas como, no atual momento, não temos como identificá-las, somos obrigados a intervir em todas, gerando biópsias desnecessárias. Qualquer exame de screening, no entanto, tem falsos positivos e falsos negativos e devemos conviver com eles dentro de limites aceitáveis.

Ricardo: O importante é a SBM manter uma posição firme.  
O resto é um desserviço à mulher BRASILEIRA.

Um abraço

Carlos Menke